

humanitas

Vol. XIX Ž J

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XIX E XX



COIMBRA
MCMLXVII-LXVIII

HORÁCIO EM A VIDA DE SOARES DE PASSOS

Dentre todos os escritores latinos, cujas obras têm deixado mais profundos vestígios nos últimos quatro séculos, a passar, de poesia portuguesa, é Horácio aquele que, porventura, mais vivaz admiração tem suscitado por parte dos nossos poetas, quer estes figurem na longa galeria dos Quinhentistas ou dos Arcades, quer se contem entre os Românticos ou os de gerações mais recentes (1). De facto, de Sá de Miranda a Garção, de Garrett a Fernando Pessoa, por toda a parte se ouvem ecos da lira do Venusino; com frequência se topam anelos de uma *aurea mediocritas* libertadora das graves preocupações do dia a dia; não raro o eterno renovar das estações patenteia aos

(1) Escrevia, em 1957, a Prof.^a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira: «Embora se julgue e afirme correntemente que as raízes da formação greco-latina nunca penetraram muito fundo no solo cultural português, basta-nos percorrer as obras de alguns dos nossos escritores, desde o século xv à actualidade, para verificarmos o exagero dessa asserção, e nos convenceremos de que a falta de estudos completos sobre o assunto é, em muitos casos, a responsável por esta opinião generalizada». («Aspectos novos do horacianismo em Correia Garção» in *Humanitas*, IX-X, Coimbra, 1957, p. 37). Seria, então, fácil descortinar nestas palavras — se é que não se trata de profecia *post euentum* — um velado designio que o futuro veio confirmar amplamente: o de refutar, em estudos sucessivos, uma opinião a todos os títulos errónea. Já anteriormente a A. publicara *Reflexos horacianos nas Odes de Correia Garção e Fernando Pessoa* (Ricardo Reis), Porto, 1950 (2.^a ed., 1958). Seguiram-se «Alguns aspectos do classicismo de António Ferreira» in *Humanitas*, XI-XII (Coimbra, 1959-60), pp. 80-111; e *Dois epigramas de António Ferreira*, Separata de *O Instituto* (Coimbra, 1965), vol. 127.^o

Entre os trabalhos mais recentes sobre o Horacianismo em Portugal, contam-se os do Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho sobre o século xvi, a saber, «Menéndez Pelayo e André Falcão de Resende» in *Humanitas*, VII-VIII (Coimbra, 1955-56), pp. 141-147; «O poeta quinhentista André Falcão de Resende» in *Humanitas*, IX-X, (Coimbra, 1957-58), pp. 100-148, e, em especial, 130-143; e *Três odes de Horácio em alguns Quinhentistas portugueses*, Separata de *O Instituto* (Coimbra, 1965), vol. 126.^o

olhos dos seguidores de Horácio a corrida inexorável do Tempo, esse imenso «oceano das idades» ao qual — e Lamartine bem o sentiu! — não é dado ao homem «jeter l'ancre un seul jour».

Em todas as épocas, para todas as correntes literárias, Horácio tem sido um escritor *moderno*. E é graças a essa modernidade que, mais do que poeta, ele foi vate, ao proclamar, com um profético orgulho que os séculos justificaram:

*Exegi monumentum aere perennius
regalique situ pyramidum altius,
quod non imber edax, non Aquilo inpotens
possit diruere aut innumerabilis
annorum series et fuga temporum.
Non omnis moriar multaue pars mei
uitabit Libitinam...* (1)

Assim, imbuídos dessa perene realidade, que é o Horacianismo nas letras portuguesas, percorríamos, certo dia, o pequeno, mas nem por isso menos valioso livro das *Poesias* de Soares de Passos (2), quando, fruto de uma actividade mais subconsciente, que reflectida, a presença de Horácio se nos fez aí também sentir. Com efeito, ao lermos as poesias, em que a ronda das estações traz ao Poeta a lembrança de um fim que se avizinha ou o alento para uma vida que a pouco e pouco lhe vai fugindo (3), logo nos ocorreram à lembrança as chamadas Odes

(1) *Odes*, III, xxx, vv. 1-7: «Concluí um monumento mais duradouro do que o bronze e mais alto do que a caducidade das régias pirâmides, tal que nem a chuva corrosiva, nem o Aquilão indomável, nem a série inumerável dos anos, nem a fuga do tempo serão capazes de demolir. Não morrerei de todo, e uma parte importante do meu ser escapará à Libitina...».

Este sentimento da perenidade da verdadeira poesia, herdado que foi dos Gregos (cf. Safo, frg. 55 Lobel-Page; Teógnis, I, 237-252), ficou, pelos séculos fora, como monumento de todos aqueles que esperam da sua obra o dom da imortalidade. Ele não está ausente do soneto n.º 55 de Shakespeare, *Not marble, nor the gilded monuments*, que lembra de perto os versos de Horácio acima transcritos, nem tão-pouco foi ignorado de Soares de Passos (*A Camões*, est. 7, v. 4).

(2) M. Pinheiro Chagas, *Ensaio crítico*, Porto, 1866, p. 318: «São poucas as poesias que [Soares de Passos] nos legou, mas valem mais do que a imensa bagagem de outros, que não serve senão para os afundar mais depressa no oceano do esquecimento».

(3) Veja-se, p. ex., *Partida, Canto de Primavera, Tristeza*.

da Primavera do Venusino e aquelas outras que têm por cenário uma paisagem invernal. Mas foi ao lermos *O Outono* que nos sentimos mais inclinado a fazer uma breve comparação com a tão imitada Ode vii do Livro IV do poeta latino.

N' *O Outono*, a segunda poesia do único livro que Soares de Passos nos legou, o poeta exprime, com suave melancolia, os sentimentos e lembranças que o fluir das estações e, sobretudo, a aproximação do Inverno acordam na sua alma de Romântico:

*Eis já do lívido Outono
Pesa o manto nas florestas;
Cessaram as brandas festas
De natureza louçã.
Tudo aguarda o frio Inverno;
Já não há cantos suaves
Do montanhês e das aves,
Saudando a luz da manhã.*

*Tudo é triste! Os verdes montes
Vão perdendo os seus matizes,
As veigas e os dons felizes,
Tesouro dos seus casais;
Dos crestados arvoredos
A folha seca e mirrada,
Cai ao sopro da rajada,
Que anuncia os vendavais.*

*Tudo é triste! e o seio triste
Comprime-se a este aspecto;
Não sei que pesar secreto
Nos enluta o coração.
É que nos lembra o passado
Cheio de viço e frescura,
E o presente sem verdura
Como a folhagem do chão.*

Tudo para ele mudou — mudança para pior: aí está a esperança «pelo tempo emurchecida»; aí estão os sonhos desfeitos, as crenças

mortas, os amigos perdidos, as alegrias passadas... E o quadro completa-se com um pressentimento da morte:

*É por isso que estes dias
Da natureza cadente,
Brilham n'alma tristemente
Como círio funeral.*

O Poeta, porém, sente que a esperança renasce com a chegada da Primavera:

*Mas ânimo! após a quadra
De nuvens e de tristeza,
Despe o luto a natureza,
Revive cheia de luz:
Após o Inverno sombrio
Vem a flôrea Primavera,
Que novos encantos gera,
Nova alegria produz.*

E a paisagem uma vez mais se renova:

*Os arvoredos despídos
Se revestem de folhagem;
Ao sopro da branda aragem
Rebenta no campo a flor:
Tudo ao vê-la se engrinalda,
Tudo se cobre de relva,
E as avesinhas na selva
Lhe cantam hinos d'amor.*

É, principalmente, nesta mudança de quadro que se poderá descobrir algo de muito caracteristicamente horaciano. Na verdade, basta que pensemos nas famosas Odes da Primavera e, em particular, na já referida Ode vii do Livro IV, para imediatamente nos chegarem aos ouvidos ecos de Horácio que, apesar de distantes, nem por isso poderão ser inteiramente obra do acaso. E se não, ouçamos:

*Diffugere niues, redeunt iam gramina campis
arboribusque comae;*

*mutat terra uices et decrescentia ripas
flumina praetereunt;*

.....
Frigora mitescunt Zephyris... (1)

Em ambas as composições se descobre uma mesma Primavera verdejante e florida, após um Inverno «que lembra o gelo da morte», numa e noutra, um mesmo despontar de folhagem nos «arvoredos despídos» e de relva nos prados, em ambas, o «sopro da branda aragem» que afugenta o frio e faz desabrochar as flores.

Tal como ao poeta latino, também a Soares de Passos a sucessão das estações traz consigo a visão da morte, mas com uma diferença: para Horácio,

*nos ubi decidimus
quo pius Aeneas, quo diues Tullus et Ancus,
pulis et umbra sumus (2);*

Soares de Passos, porém, dá à poesia um final de acordo com o seu sentimento cristão:

*Ânimo pois! e se acaso
Nosso destino inclemente,
Em vez de jardim florente,
Nos aponta o mausoléu;
Se a primavera do mundo
Já morreu, já não se alcança,
Tenhamos inda esperança
Na primavera do Céu!*

Se outras semelhanças muito mais profundas não encontrássemos entre os dois poetas, esta aproximação, que acabamos de fazer entre a Ode latina e *O Outono*, estaria muito longe de ser bastante para jus-

(1) *Odes*, IV, vii, vv. 1-4 e 9: «Foram-se as neves, já a relva regressa aos prados e a folhagem às árvores; a terra muda de aspecto e os rios, decrescendo, correm ao longo das margens... Os frios abrandam com os zéfiros...»

(2) *Odes*, IV, vii, vv. 14-16: «quando descemos para onde já desceram o piedoso Eneias e o rico Tulo e Anco, não passamos de pó e sombra.»

tificar a presença de Horácio na obra do poeta português. É que, se é certo que Soares de Passos podia ter deixado aflorar nestes seus versos lembranças do latim aprendido com afinco aos dezanove anos, pela mão sábia do mestre José Rodrigo Passos (1), também não é menos verdade que comparações tais as poderíamos fazer às centenas entre poetas de épocas e credos muito diferentes, sem que com isso pudéssemos traçar seguras filiações. A verdadeira presença de Horácio, essa sim, vamos-la nós descobrir na poesia *A Vida* que o poeta dedicou ao irmão, Custódio José Passos, de quem temos um lisonjeiro retrato traçado pela pena de Augusto Luso (2).

Quer *A Vida* tenha sido escrita em 1856, durante os dois meses (3) que o Poeta passou à cabeceira do leito do irmão, enfermo de grave doença, como afirma Pinheiro Chagas (4), quer tenha sido composta cerca de dois anos antes (5), o certo é que ela nos dá conta de um Soares de Passos em crise profunda, num estado de alma que exprime «na forma a mais dolorosa e bela, o desânimo de quem se sente morrer». Essa ideia da morte, que assombrava o Poeta desde tenra idade, está aqui presente uma vez mais (6):

*Morte, morte, bem-vinda sejas sempre,
Em nome da existência eu te saúdo!
Tu reinas pela dor na espécie humana,*

(1) Não é sem lhe conferir uma saborosa nota de *heroicidade* que Pinheiro Chagas (*Dicionário Popular*, vol. IX, pp. 208-209) recorda este passo da vida do Poeta: «Cinco anos esteve nesta vida [i.e., comercial], mas afinal foi mais forte a sua repugnância, do que o desejo que tinha de obedecer a seu pai, e em 1845 pediu-lhe que o deixasse continuar os seus estudos. O pai, que o estremecia, consentiu imediatamente. Soares de Passos, tinha então dezanove anos, *atirou-se com alma ao latim* [o sublinhado é nosso] em que teve por mestre um latinista célebre, José Rodrigo Passos...».

(2) Apud TEÓFILO BRAGA, *Escoço biográfico* (pp. XXXVII-XXXVIII), que precede a 9.^a edição das *Poesias* de A.A. Soares de Passos (Porto, 1908).

(3) Teófilo Braga, no citado *Escoço biográfico* (p. XXXVI), fala de quatro meses.

(4) *Dicionário Popular*.

(5) TEÓFILO BRAGA, *Escoço biográfico*, p. XXXV.

(6) PINHEIRO CHAGAS, *Ensaio crítico*, pp. 312-313: «Soares de Passos não podia viver muito tempo. Organizações, como a sua, não resistem ao embate do mundo. As suas poesias são, para assim dizer, os marcos miliários que ia plantando no caminho da sepultura... Em todas elas se respira um vago pressentimento

*E, quem sabe?, talvez nesse universo;
.....
Porque inda tardas a empunhar o ceptro
Que neste ao menos te pertence há muito?*

Mas o Poeta não receia as asas da morte que desde os seis anos lhe ronda a existência; encara-a antes com espírito resignado, diríamos até com um sentimento de platónica libertação que o seu Cristianismo resume na certeza de que

*Depois da noite escura vem o dia;
Depois deste desterro, a eterna pátria!*

Eis o grito do Poeta cuja esperança única reside naquele «que na altura do Gólgota» iluminou o mundo. Com ele termina a poesia, que até aí mais não fora do que um contínuo soluçar de uma alma presa de sentimentos desalentados e pessimistas, alma esmagada sob o fardo de uma vida em que o homem não passa de uma vítima do destino:

*Quê! lutar sempre em afanosa guerra
Contra os rigores dum feroz destino!*

Tudo para o homem são vãs esperanças e canseiras atrás de sonhos que se desfazem em fumo. Nada mais nos resta do que

*Sofrer, sempre sofrer, não vir um dia
Em que possamos exclamar: ventura!*

Ora, é precisamente no meio destas negras considerações que nos deparamos com os seguintes versos:

*Prometeu afanoso, ei-lo procura
Dar alma e vida às criações que inventa,
Ail já não belas, mas de impura argila.
Honras, glória, poder, bens de fortuna,
Ciência austera, festivais, prazeres,
A tudo se abalança, aspira a tudo,
E em tudo encontra desenganos sempre.
Ao ponto que fitara jamais chega,
Ou, se o alcança, não lhe dura o gozo.*

da morte próxima, um desalento resignado, porque o ânimo do homem é sustentado pela esperança do cristão».

Quem, ao lê-los, não recordará aqueloutros do Venusino:

*Audax omnia perpeti
gens humana ruit per uetitum nefas;
audax Iapeti genus
ignem fraude mala gentibus intulit;
post ignem aetheria domo
subductum macies et noua febrium
terris incubuit cohors
semotique prius tarda necessitas
leti corripuit gradum? (1)*

Em ambas encontra o leitor a mesma alusão à raça humana que, na sua cega ousadia, tudo suporta, sendo até capaz de lançar-se «pelo caminho interdito do sacrilégio» para atingir os seus fins. A comprová-lo, aí está o audacioso filho de Jápeto, símbolo de cometimentos que ao homem só trazem desenganos e desgraças.

Até aqui não nos foi possível apontar mais do que remotas semelhanças entre os dois poetas; será um pouco mais além que elas se nos apresentarão flagrantes.

Nos trinta versos seguintes, Soares de Passos prossegue, apontando a inutilidade das humanas canseiras:

.....
*Este empunhando o ceptro, empalidece,
Sentindo às plantas vacilar-lhe o sólio;
No fastígio da glória aquele geme,
Ao ver o louro que lhe cinge a frente
Pelo bafo da inveja emurchecido.
Um as honras consegue, e as vê sem preço;
Outro as riquezas, e lamenta os dias
Que mais belos perdeu em seu alcance.
Qual, a ciência devassando ousado,
Após longas vigílias estremece
Da dúvida ante o espectro; qual ardente
Das festas no rumor despende a vida,
E a taça do prazer lhe deixa enfado.*

(1) *Odes*, I, iii, vv. 25-33: «É por uma audácia que tudo suporta que a raça humana se precipita pela via interdita do sacrilégio; foi por um ardil fatal que o auda-

Esta longa série de considerações, em que o Poeta atende apenas ao lado pior das coisas, vai dar lugar a um elogio da *aurea mediocritas* e da vida do campo, únicos meios para o homem alcançar a desejada felicidade:

*Feliz aquele que em modesta lida,
Isento da ambição e da miséria,
No regaço do amor e da virtude
A vida passa. Mas feliz ainda
Se, das turbas ruidosas afastado,
À sombra do carvalho, entre os que adora,
Sente a existência deslizar tranquila,
Como as águas serenas do ribeiro
Que as herdades pacíficas lhe banha.*

Vejamos agora o que diz Horácio, no início do Epodo II (vv. 1-8):

*Beatus ille qui procul negotiis,
ut prisca gens mortalium,
paterna rura bobus exercet suis,
solutus omni fenore,
neque excitatur classico miles truci
neque horret iratum mare,
forumque uitat et superba ciuium
potentiorum limina.*

E mais adiante (vv. 23-28):

*Libet iacere modo sub antiqua ilice,
modo in tenaci gramine;
labuntur altis interim ripis aquae,
queruntur in siluis aues,
fontesque lymphis obstrepunt manantibus,
somnos quod inuitet leuis. (1)*

cioso filho de Jápeto deu o fogo aos homens. Depois que o fogo foi roubado da etérea morada, a miséria e uma nova multidão de febres assolaram as terras, e a lenta, mas inexorável, lei da morte, até então afastada, apressou o passo».

(1) «Feliz daquele que, afastado dos negócios, como a antiga geração dos mortais, lavra os campos paternos com os bois que são seus, livre de toda a usura,

A imitação parece-nos evidente: os quatro primeiros versos de Horácio foram, por Soares de Passos, reproduzidos em pouco mais de três; à expressão *qui procul negotiis,...*, *paterna rura bobus exercet suis* corresponde a *modesta lida* do poeta português, bem como *solutus omni fenore* encontra paralelo em *isento da ambição e da miséria* (1); para ambos, a felicidade é alcançada com o afastamento das *turbas ruidosas (forum... uitat)* e com uma existência tranquila, passada à *sombra do carvalho* ou da *ancestral azinheira (libet iacere... sub antiqua ilice)*, no ambiente idílico das suas *herdades pacíficas (paterna rura)*, banhadas das *águas serenas do ribeiro (labuntur altis interim ripis aquae)*, onde nada perturba as aves que nos bosques fazem ouvir os seus lamentos (*queruntur in siluis aues*); em ambos os poetas é possível descobrir a mesma paz, a mesma tranquilidade, em que não falta o amor dos entes queridos. Também esta nota de amor familiar não está ausente dos versos de Horácio, quando afirma (vv. 39-48.) que nada lhe dá maior prazer do que uma honrada esposa que à sua conta toma a casa e os filhos bem-amados e que, à chegada do marido, cansado das lides de um dia de trabalho, se apressa a servir-lhe *dapes inemptas*:

*Quodsi pudica mulier in partem iuuet
domum atque dulces liberos,
Sabina qualis aut perusta solibus
pernicis uxor Apuli,
sacrum uetustis exstruat lignis focum
lassi sub aduentum uiri
claudensque textis cratibus laetum pecus
distenta siccet ubera,*

e que, como soldado, não se anima ao som ameaçador da trombeta, nem teme o mar irado, evita o Foro e os limiares soberbos dos poderosos... É-lhe grato deitar-se ora debaixo da anosa azinheira, ora sobre a espessa relva; entretanto as águas vão correndo entre as altas margens, as aves soltam os seus lamentos nos bosques, e as fontes murmuram com o brotar das águas, num convite ao sono leve».

Este mesmo Epodo foi também imitado por outros, nomeadamente por José Anastácio da Cunha (vd. HERNÂNI CIDADE, *A obra poética do Dr. José Anastácio da Cunha*, Coimbra, 1930, p. 111: «Ditoso o que em paternas poucas jeiras») e pela Marquesa de Alorna, no soneto «Feliz esse mortal que se contenta» (*Obras Poéticas*, Lisboa, 1844, vol. I, p. 16).

(1) Neste meio termo se situa a tão decantada *aurea mediocritas*. Cf. HORÁCIO, *Odes*, II, x, vv. 5-8.

*et horna dulci uina promens dolio
dapes inemptas apparet... (1)*

Mas, como se tudo isto não bastasse já para aproximar Soares de Passos do autor do Epodo II, também os finais das duas poesias têm entre si evidentes pontos de contacto: é que ambos os poetas constroem para logo a seguir terem o prazer de demolir. E se não vejamos: em Horácio o leitor terá que esperar pelos últimos quatro versos da composição para concluir, um tanto confuso, que todos aqueles elogios à vida do campo não passam de uma «espiritosa paródia do bucolismo burguês» (2), proferidas, não pelo próprio poeta, mas postos na boca de um usurário, de nome Álfio, que

*iam iam futurus rusticus
omnem redegit Idibus pecuniam,
quaerit Kalendis ponere (3).*

Este final de anedota deixa o leitor perplexo e com a convicção de que, no fim de contas, todo o Epodo nada mais é do que um conjunto de facécias com que o seu risonho autor o quis mimosear (4).

(1) José Anastácio da Cunha, além da ode citada na n. 1 da p. 9, deu-nos uma tradução deste mesmo Epodo (vd. *A obra poética...*, pp. 89-91) que, no tocante aos versos acima transcritos, é a seguinte:

*E se a casta mulher e doces filhos
(Qual a sabina ou de apulo ligeiro
A esposa ao sol crestada)
Com seca lenha o sacro fogo acende,
Quando o marido chega,
Cansado, e no curral o gado
Farto, lhe ordenha as tetas
E, do jocundo pote vinho novo
Tirando, lhe apresenta
Manjares e iguarias que não foram
Comprados por dinheiro...*

(2) Prof. Doutor A. DA COSTA RAMALHO, *Três odes de Horácio...*, p. 18.

(3) Vv. 68-70: «disposto a tornar-se imediatamente lavrador, recolheu todo o seu dinheiro nos Idos, ... procura emprestá-lo nas Calendas!»

(4) Com isto não queremos dizer que o moralista, que existe em Horácio, não possa, por vezes, *corrigir os costumes a rir*: ele mesmo escreveu (*Sátiras*, I, i, vv. 24-25) «quamquam ridentem dicere uerum / quid uetat?».

Também Soares de Passos não mantém por muito tempo, diante dos nossos olhos, o luminoso quadro de que, no meio de tantas humanas desgraças, nos deu fugaz visão, pois logo a seguir aos versos anteriormente transcritos, ele escreverá:

*Mas, que digo! nem esse. Infintos males,
Comuns a todos, seu viver não poupam,
D'um lado a crua guerra lhe sacode
O facho assolador às brandas messes:
A pálida doença (1), d'outro lado,
Dos entes que mais ama o vai privando:
E ele mesmo talvez, infausta presa
D'essa serpente que nos liga à morte,
Nos ecúleos da dor a vida exaure.*

De novo se ergue diante de nós o poeta de *O Firmamento* (2), com a sua trágica visão de derrocada e de total aniquilamento da espécie humana, num quadro encimado da figura do Onnipotente:

*Mas que sinistra voz! Silêncio, ó lira!
Não mais prossigas teu cantar blasfemo!
Fanal de salvamento, luz d'espr'ança,
Que na altura do Gólgota brilhaste,
Desce à minha alma que a tristeza inunda!
Desce! de todos resumindo as dores
O cálix d'Ele foi o mais acerbo.
Ele sofreu! Soframos, e esperemos!
Depois da noite escura vem o dia:
Depois deste desterro, a eterna pátria!*

Soares de Passos dedicou esta poesia ao irmão: quem melhor do que ele seria capaz de saborear estas originais reminiscências do poeta latino? É que Custódio Passos, conforme sabemos por Augusto Luso, além de amar a Poesia e de ter até escrito alguns versos, que não publicou

(1) Cf. HORÁCIO, *Odes*, I, iv, v. 13: *Pallida Mors*.

(2) Cf. PINHEIRO CHAGAS, *Ensaio crítico*, pp. 295-301.

por modéstia (1), tinha um bom conhecimento da língua latina, o que lhe permitia ler os clássicos no original.

E agora para finalizar estas nótulas, longas de mais para a exiguidade do assunto, dirigiremos ao leitor um convite — se é que ele nos seguiu até aqui! —, servindo-nos para isso de palavras inspiradas em Camilo: incitem-no estas linhas a ler amoravelmente o livro que nos deu Soares de Passos (2).

CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA

(1) TEÓFILO BRAGA, *Esboço biográfico*, p. XXXVIII, transcreve, em nota, a *Elegia As Lágrimas do Homem* de Anastacius Grün, traduzida por Custódio Passos.

(2) CAMILO CASTELO BRANCO, *Esboços de apreciações literárias*, Lisboa-Porto, 3.^a ed., 1908, p. 95.